ISSN: 2358-8829

O CONCEITO DE ESTIGMA E SUAS APROPRIAÇÕES NO CAMPO EDUCACIONAL: UMA LEITURA A PARTIR DE GOFFMAN

Sandy Dias Nogueira [1]
Rayannie Mendes de Oliveira [2]
Márlisson da Silva Barroso[3]

INTRODUÇÃO

O conceito de estigma ocupa lugar central na obra de Goffman (1988) e tem sido utilizado em diferentes pesquisas do campo educacional. Em sua formulação, o estigma está relacionado às formas pelas quais os indivíduos são categorizados e às expectativas construídas nas interações sociais. A distinção entre identidade social virtual e identidade social real permite compreender como características atribuídas a uma pessoa podem entrar em discrepância com aquilo que ela efetivamente apresenta, produzindo situações de descrédito. A análise de Goffman (1988) desloca, assim, a atenção da característica isolada para as relações nas quais determinado atributo adquire significado social.

Na educação, a categoria tem sido empregada para analisar situações relacionadas à deficiência, à inclusão escolar, às interações cotidianas e à construção de classificações entre estudantes. Nascimento (2009) utiliza a perspectiva de Goffman para investigar o estigma nas interações do cotidiano escolar e suas relações com a inclusão de estudantes com deficiência. Schambeck (2020), ao analisar experiências de professoras em contextos inclusivos, identifica representações relacionadas às possibilidades de aprendizagem de estudantes com deficiência intelectual. Gomes, Tupinaé e Rosistolato (2025) analisam a construção educacional do "aluno-problema", examinando como determinados comportamentos são definidos como desviantes e passam a participar da classificação dos

[1] Mestranda no Curso Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, diassandy561@gmail.com;
[2] Mestra pelo Curso de Educação no Programa de Pós- Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica- PPGEEB- da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, rayannie92@hmail.com;
[3] Mestre pelo Curso de Função Social do Direito da Faculdade Autônoma de Direito - FADISP, marlissonbarroso@uema.br.

estudantes. Silva (2004) e Silva (2025), por sua vez, abordam estratégias desenvolvidas pelos sujeitos diante de situações de exposição e estigmatização.

O uso do conceito em diferentes objetos educacionais levanta a questão: como a categoria de estigma formulada por Goffman tem sido apropriada pela produção acadêmica da educação e quais elementos de sua formulação ganham centralidade nessas pesquisas? A problemática parte da necessidade de observar como um mesmo conceito é mobilizado diante de problemas distintos e quais aspectos da formulação goffmaniana permanecem presentes em suas aplicações no campo educacional.

O objetivo deste artigo é analisar diferentes formas de apropriação da categoria de estigma no campo educacional, tomando como referência a perspectiva interacionista de Goffman (1988). Busca-se identificar os problemas educacionais nos quais o conceito é mobilizado e examinar como os estudos selecionados abordam as relações entre classificação, interação e reconhecimento dos sujeitos.

A pesquisa é de natureza bibliográfica e tem como referência principal a obra *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, de Goffman (1988), em diálogo com trabalhos acadêmicos que utilizam a categoria para analisar fenômenos educacionais. Foram considerados estudos relacionados à educação inclusiva, à deficiência, às interações no cotidiano escolar, às estratégias dos sujeitos diante da estigmatização e à construção do "aluno-problema". A análise concentrou-se nos objetos investigados, nos conceitos mobilizados e nas formas pelas quais os autores relacionam classificação, relações sociais e situações de interação.

Os trabalhos consultados permitem identificar diferentes usos da categoria. Nas pesquisas sobre deficiência, o estigma aparece relacionado às expectativas sobre as capacidades dos estudantes e às respostas construídas diante dessas expectativas. Na análise do "aluno-problema", o conceito acompanha a transformação de determinadas condutas em classificações que interferem na posição ocupada pelo estudante na escola. Nos trabalhos voltados às estratégias dos sujeitos, a atenção recai sobre maneiras de administrar a própria apresentação diante de situações nas quais determinadas características podem ser expostas.

Os resultados apontam que o conceito ganha maior precisão quando as pesquisas acompanham as situações em que uma característica ou conduta passa a orientar

expectativas, classificações e formas de tratamento. Quando empregado somente como sinônimo de preconceito, rejeição ou exclusão, o termo perde parte de sua especificidade sociológica. A perspectiva de Goffman (1988) permite investigar os processos que relacionam classificação, interação e reconhecimento dos sujeitos no cotidiano escolar.

O artigo está organizado em quatro momentos. Inicialmente, apresenta-se o percurso metodológico da pesquisa. Em seguida, discute-se a construção sociológica do conceito de estigma em Goffman, considerando identidade social, relação entre atributo e estereótipo e situações de interação. Posteriormente, são analisadas as apropriações da categoria em pesquisas educacionais. Por fim, apresentam-se as considerações decorrentes da análise realizada.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida é de natureza bibliográfica, entendida como levantamento e sistematização de referências já publicadas. Conforme Gil (2008) e Lakatos & Marconi (2003), esse tipo de investigação permite construir a base teórica de um estudo e delimitar o problema a partir do diálogo com produções anteriores.

Tendo como referência principal a categoria de estigma formulada por Goffman (1988) e sua apropriação em pesquisas do campo educacional, a investigação foi realizada a partir do levantamento, leitura e sistematização de trabalhos acadêmicos que mobilizam explicitamente o conceito de estigma para interpretar situações relacionadas à educação.

O corpus analisado foi constituído pelos trabalhos de Nascimento (2009), Schambeck (2020), Silva (2004), Gomes; Tupinaé e Rosistolato (2025) e Silva (2025). Os estudos contemplam diferentes objetos, entre eles a deficiência, a educação inclusiva, as interações no cotidiano escolar, as estratégias dos sujeitos diante da estigmatização e a construção do “aluno-problema”.

A análise foi realizada por meio de leitura, fichamento e categorização, buscando identificar os objetos investigados, a forma como o conceito de estigma é mobilizado e as relações estabelecidas entre características, classificações, expectativas e interações sociais. A sistematização considerou, ainda, as situações nas quais determinadas

características ou condutas passam a adquirir significado depreciativo e as respostas elaboradas pelos sujeitos diante dessas classificações.

O procedimento analítico inspirou-se na formulação de Goffman (1988), sobretudo em sua concepção do estigma como articulação entre atributo e estereótipo e na atenção dedicada às situações de interação. A partir dessa base, buscou-se identificar de que maneira as pesquisas educacionais analisadas preservam, transformam ou conferem centralidade a aspectos da perspectiva goffmaniana, permitindo evidenciar diferentes modos de apropriação da categoria no campo da educação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Estigma e identidade social

A discussão de Goffman sobre o estigma parte da forma como a sociedade categoriza as pessoas e estabelece expectativas sobre os atributos associados a cada categoria. Os ambientes sociais antecipam os tipos de indivíduos que podem ser encontrados e orientam os encontros cotidianos por meio dessas expectativas. Quando alguém é apresentado, os primeiros aspectos percebidos permitem antecipar sua categoria e seus atributos, compondo aquilo que Goffman denomina identidade social (Goffman, 1988).

O autor diferencia identidade social virtual e identidade social real. A primeira corresponde às características atribuídas ao indivíduo a partir das expectativas sociais; a segunda refere-se aos atributos que ele efetivamente demonstra. Ele explica:

> Assim, as exigências que fazemos poderiam ser mais adequadamente denominadas de demandas feitas "efetivamente", e o caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado mais como uma imputação feita por um retrospecto em potencial - uma caracterização "efetiva", uma identidade social virtual. A categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir, serão chamados de sua identidade social real. (GOFFMAN, 1988, p. 5).

O estigma emerge quando há discrepância entre o que se espera de um indivíduo e o que ele efetivamente apresenta, produzindo descrédito. Nessa dinâmica, uma característica particular pode adquirir peso desproporcional na definição da pessoa. O autor descreve esse processo ao afirmar que o indivíduo pode deixar de ser visto como

uma “criatura comum e total” e ser reduzido a uma “pessoa estragada e diminuída” (GOFFMAN, 1988, p. 5).

A concepção desloca o problema da simples existência de um atributo considerado indesejável para a relação entre esse atributo e as expectativas que orientam sua interpretação. Como o próprio autor afirma: “O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos” (GOFFMAN, 1988, p. 6).

Nesse sentido, o estigma depende da posição que determinada característica ocupa diante dos padrões utilizados para classificar os indivíduos, revelando seu caráter relacional e contextual.

O caráter relacional do estigma

A relação entre atributo e expectativa ocupa lugar central na formulação do autor. Ele define o estigma como “um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (GOFFMAN, 1988, p. 6). O significado atribuído a uma característica depende, portanto, dos estereótipos acionados na situação.

Essa formulação também permite compreender por que uma mesma característica pode produzir efeitos diferentes conforme o contexto. O autor observa que “um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem” (GOFFMAN, 1988, p. 6). O que está em jogo é a relação estabelecida entre os sujeitos e as expectativas que orientam sua classificação.

A distinção entre “normal” e “estigmatizado” segue essa lógica. Para ele, os normais são aqueles que não se afastam negativamente das expectativas particulares presentes na situação; os estigmatizados são aqueles cuja característica produz uma diferença que interfere em sua aceitação social. Essas posições dependem das situações nas quais os indivíduos se encontram.

O autor também diferencia três tipos de estigma: as “abominações do corpo”, as “culpas de caráter individual” e os “estigmas tribais de raça, nação e religião” (GOFFMAN, 1988, p. 7). Embora se refiram a características diferentes, esses casos apresentam um efeito comum: determinado traço pode “impor a atenção e afastar aqueles

que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus" (GOFFMAN, 1988, p. 7).

Estigma, interação e identidade deteriorada

A análise do estigma alcança, em sua obra, as situações concretas de interação. O autor diferencia o desacreditado, cuja característica distintiva já é conhecida ou imediatamente perceptível, do desacreditável, cuja característica não é conhecida nem imediatamente perceptível pelos demais (GOFFMAN, 1988). A distinção introduz o problema da informação sobre a identidade.

No caso do desacreditável, o indivíduo pode administrar aquilo que revela aos outros. Ele analisa práticas de encobrimento e acobertamento relacionadas ao controle das informações sobre a característica estigmatizante. A questão passa pela maneira como uma informação é ocultada, revelada ou administrada e pelas consequências dessas escolhas para a interação.

A identidade deteriorada refere-se às situações em que determinada característica passa a ocupar posição central na percepção do indivíduo, interferindo no reconhecimento de seus demais atributos. O problema está na maneira como o sujeito passa a ser percebido e tratado a partir daquela característica que adquiriu valor depreciativo.

Ao final da obra, o autor retoma essa formulação e enfatiza que o estigma não deve ser pensado como uma divisão permanente entre dois grupos:

> Como conclusão, posso repetir que o estigma envolve não tanto um conjunto de indivíduos concretos que podem ser divididos em duas pilhas, a de estigmatizados e a de normais, quanto um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos, pelo menos em algumas conexões e em algumas fases da vida. O normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro. (GOFFMAN, 1988, p. 117).

A perspectiva de Goffman (1988) oferece categorias para examinar situações em que classificações, expectativas e relações sociais interferem no reconhecimento dos indivíduos. Esse referencial permite analisar como características e condutas adquirem significado nas relações sociais e como os sujeitos respondem às situações em que são classificados.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura analisada mostra que a categoria de estigma é mobilizada no campo educacional para interpretar diferentes situações, tendo como eixo comum a relação entre características atribuídas aos sujeitos, expectativas sociais e formas de interação. Alguns trabalhos investigam a deficiência e as expectativas sobre as capacidades dos estudantes; outros se concentram na construção do "aluno-problema" ou nas estratégias elaboradas diante da possibilidade de estigmatização.

No campo da deficiência, o estigma aparece associado às expectativas sobre aprendizagem e desempenho. Nascimento (2009) identifica situações em que colegas relacionam a deficiência de Jeferson à incapacidade de realizar determinadas atividades, produzindo uma "marca negativa". De modo semelhante, Schambeck (2020) observa que professoras em contextos inclusivos projetam a expectativa de que estudantes com deficiência intelectual "pouco poderão aprender no espaço educativo" (p. 168). Em ambos os casos, a característica atribuída ao estudante orienta antecipadamente a interpretação de suas possibilidades, antes mesmo da situação concreta.

Ao considerar as respostas dos estudantes, Silva (2025) mostra que muitos procuram ocultar suas dificuldades para evitar possíveis estigmas, enquanto Nascimento (2009) identifica mecanismos de manipulação e acobertamento em situações escolares. Nessas análises, os sujeitos aparecem diante da necessidade de administrar sua apresentação nas interações em que determinadas características podem ser percebidas pelos outros.

A análise do "aluno-problema" revela outro uso da categoria de estigma. Gomes, Tupinaé e Rosistolato (2025) mostram que determinados comportamentos passam a funcionar como sinais de uma identidade atribuída ao estudante, sendo o "comportamento desviante" o principal símbolo de estigmatização (p. 66). Nesse processo, o "aluno-problema" é construído como "não-aluno", enquanto noções de mau comportamento e indisciplina participam da produção dessa classificação. Os autores também evidenciam atravessamentos étnico-raciais, socioeconômicos e de gênero, indicando que a interpretação das condutas está vinculada às posições sociais dos estudantes e às relações escolares.

Esse deslocamento mostra como uma conduta definida como inadequada ultrapassa a situação específica em que ocorreu e passa a integrar a identidade do estudante, interferindo em seu reconhecimento na escola. A categoria de estigma permite acompanhar justamente esse movimento entre ocorrência situada e classificação atribuída.

O uso de “máscaras” aparece como outra forma de resposta às situações de estigmatização. Silva (2004) analisa práticas de estudantes da Educação de Jovens e Adultos que recorrem a estratégias ligadas à leitura e à escrita para administrar sua exposição diante dos colegas.

A aproximação entre os estudos evidencia diferentes movimentos na utilização da categoria: nos trabalhos sobre deficiência, o estigma relaciona-se às expectativas sobre capacidades; na pesquisa sobre o “aluno-problema”, às condutas que participam da construção de classificações; e nos estudos sobre respostas dos sujeitos, às estratégias de enfrentamento diante da possibilidade de descrédito.

Os movimentos identificados dialogam diretamente com a formulação de Goffman (1988), segundo a qual uma característica ou conduta não é estigmatizante em si, mas adquire esse significado nas relações em que é percebida, classificada e vinculada a expectativas sociais. Nascimento (2009) e Schambeck (2020) evidenciam esse processo nas interações com estudantes com deficiência, enquanto Gomes, Tupinaé e Rosistolato (2025) o analisam na categorização de comportamentos. Já Silva (2004) e Silva (2025) destacam as respostas elaboradas pelos sujeitos diante dessas classificações.

A comparação entre os estudos mostra que os estudantes não permanecem apenas como objetos das classificações: estratégias de manipulação, acobertamento e uso de “máscaras” revelam formas de administrar informações e controlar a apresentação de si. Essa dimensão aproxima os trabalhos educacionais da discussão de Goffman sobre gestão da informação e administração da identidade.

Ao mesmo tempo, fica evidente que as classificações não dependem apenas das respostas individuais, mas também das expectativas e práticas escolares. A deficiência pode ser usada para antecipar capacidades, comportamentos podem ser incorporados à identidade de um estudante e dificuldades de leitura e escrita podem ser administradas pelos próprios sujeitos em função das expectativas dos outros.

Assim, os resultados indicam que o estigma assume funções distintas conforme o objeto analisado, mas mantém como eixo comum os processos de classificação e reconhecimento. Essa perspectiva diferencia o uso sociológico do conceito de uma aplicação restrita à nomeação de preconceito ou rejeição. A formulação de Goffman (1988) permite indagar como uma característica ou conduta se torna depreciativa, quem participa de sua classificação, quais expectativas a acompanham e como os sujeitos respondem às situações produzidas.

O conceito ganha maior precisão quando permanece vinculado às situações concretas de interação. O foco desloca-se da característica isolada para o processo que orienta expectativas, classificações e formas de tratamento, permitindo compreender fenômenos escolares sem reduzir o estigma a uma propriedade permanente dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada permitiu compreender diferentes formas de apropriação da categoria de estigma formulada por Goffman (1988) na produção acadêmica da educação. As pesquisas abordam objetos variados: deficiência, educação inclusiva, construção do "aluno-problema" e estratégias elaboradas pelos sujeitos diante da estigmatização.

Os resultados mostram que o conceito é utilizado para compreender situações em que características ou condutas interferem no reconhecimento dos estudantes nas relações escolares. No campo da deficiência, o estigma aparece vinculado às expectativas sobre capacidades; na construção do "aluno-problema", às condutas que se transformam em classificações; e, nas análises sobre estratégias dos estudantes, às formas de administrar a apresentação de si diante da possibilidade de exposição ou descrédito.

A discussão reforça a importância de preservar o caráter relacional do conceito. Para Goffman (1988), o estigma não reside na característica isolada, mas na articulação entre atributo, estereótipo, expectativas e situações de interação. A pesquisa educacional ganha precisão quando acompanha esse processo, evitando reduzir o termo a mero sinônimo de preconceito ou exclusão.

Os achados mostram que a contribuição da categoria para a análise sociológica da educação está em investigar como classificações são produzidas e passam a orientar expectativas e formas de tratamento no cotidiano escolar. Os estudos também destacam o papel ativo dos sujeitos, que podem administrar informações, modificar sua apresentação e elaborar estratégias diante da estigmatização.

A análise realizada aponta a necessidade de novas pesquisas que acompanhem empiricamente a produção e negociação das classificações nas relações escolares, considerando tanto práticas institucionais quanto respostas dos estudantes. Esse aprofundamento pode ampliar a compreensão sobre como processos de estigmatização interferem nas experiências escolares e nas posições ocupadas pelos sujeitos

Palavras-chave: Estigma; Sociologia da Educação; Educação Inclusiva; Aluno-problema; Interação social.

REFERÊNCIAS

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOMES, Edson Soares; TUPINAÉ, Edson Soares Gomes; ROSISTOLATO, Rodrigo**. A construção educacional do "aluno-problema" como processo de estigmatização.** Caderno Eletrônico de Ciências Sociais, Vitória, v. 13, n. 1, p. 65-85, 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NASCIMENTO, Manoel Alves do. **Erving Goffman, as interações no cotidiano escolar, desvendando o estigma dentro da inclusão escolar.** 2009. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

SCHAMBECK, Regina Finck. **O contexto inclusivo na escola: representação e estigma na perspectiva de duas professoras**. Revista Educação, Artes e Inclusão, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 168-188, 2020. DOI: https://doi.org/10.5965/1984317815022019168.

SILVA, Gláucia de Carvalho Costa. **Desestigmatizar para flexibilizar: a perspectiva interacionista de Goffman na educação inclusiva**. Revista de Educação da Faculdade

SESI-SP, v. 2, 2025. Disponível em: https://revistaeducacao.sesisp.org.br/. Acesso em: 29 set. 2026.

SILVA, Nilce da. **O processo de formação do estigma em alunos de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a construção de "máscaras" para a sobrevivência na sociedade letrada.** Revista de Educação Popular, Uberlândia, n. 3, set. 2004.